

ARQUITETURA ESCOLAR E A RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR: HÁ ESPAÇOS PARA OS ALUNOS NA ESCOLA?

CAMPOS, Marcelly¹

Resumo

Os estudantes são do século XXI, os professores nasceram e foram criados no século XX e o modelo de escola ainda é o do século XIX, o mesmo que tem como parâmetro as fábricas construídas no auge da Revolução Industrial. Portanto, essa pesquisa busca compreender como toda essa discrepância secular tem influenciado o processo de ensino-aprendizagem de alunos do ensino médio de uma escola na periferia da cidade de São Mateus-ES. Considerando a relação alunos-espço bem como a relação aluno-professor, vamos construindo reflexões sobre o papel da arquitetura escolar e a necessidade de uma docência que promova uma educação que caminhe rumo à emancipação.

Palavra chave: Arquitetura. Relação Aluno-professor. Emancipação.

Introdução

Inicialmente tentamos compreender de qual maneira a arquitetura da escola influencia o processo de ensino-aprendizagem, mas no decorrer das entrevistas as queixas em torno da relação aluno-direção bem como aluno-professor atravessaram a pesquisa. Portanto, percebemos a necessidade de aumentar o debate em torno do papel político da docência como instrumento de emancipação dos corpos desses alunos atrelado à compreensão de como a estrutura física da escola também vem afetando suas potencialidades individuais e coletivas. É necessário debatermos se o ambiente escolar tem sido de fato um território propício para a construção do conhecimento e de atividades saudáveis e potentes para o processo de ensino-aprendizagem.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: marcellycampos26@gmail.com

As entrevistas realizadas com doze alunos do Ensino Médio nos mostram o quanto é urgente rever as práticas pedagógicas e o modelo arquitetônico das escolas brasileiras, que tentam seguir um padrão que evidencia um objetivo camuflado de disciplinar os corpos dos estudantes a partir de uma arquitetura de vigilância como afirma Foucault (1975) em *Vigiar e Punir*. Em entrevista para o *Jornal Futura* de 2014, Diana Vidal diz que a arquitetura faz parte do currículo oculto e é parte constitutiva das práticas escolares.

Em seu desenvolvimento inicial, a tipologia escolar esteve intrinsecamente ligada à tipologia industrial e mesmo com o passar dos anos ainda é possível observar que muitos dos seus elementos de composição (espaços, materialidade presente no edifício) e de e de circulação (mobilidade dos corpos no ambiente) ainda possuem certa relação com aquelas fábricas do século XVIII-XIX. A padronização, racionalização e reprodução em série são alguns desses elementos e estão conectadas ao que se considera arquitetura panóptica de Foucault (1975). Nas falas, é notável que alguns estudantes já naturalizaram a estrutura de dominação, ao serem questionados sobre as grades e câmeras. Eles alegam que “*tem que ser assim*”, na maioria das vezes reproduzindo o discurso de que esses elementos são necessários para a garantia da segurança deles e do patrimônio público.

Outro ponto perceptível nas entrevistas é a relação desses adolescentes com seus professores, ou seja, quanto mais eles se identificam com os professores, melhor funciona o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, observamos a partir dessas falas o quanto o conceito de Igualdade entre alunos e professores é fundamental para uma construção transformadora, saudável e potente do processo educativo.

1. Há espaços para os alunos na escola?

No início da educação formal no Brasil as escolas não possuíam espaços específicos, devido a isso muitas aulas aconteciam na casa de um professor, associado às paróquias, ou nas dependências das Câmaras Municipais. Ainda hoje

a escola não foi capaz de garantir a infraestrutura mínima para uma boa educação, o seu modelo ultrapassado não acomoda as peculiaridades de estudantes que nasceram na era da tecnologia e que anseiam por uma escola que atenda as demandas da realidade concreta. A tipologia das escolas ainda corresponde àquelas do século XIX, com corredores extensos que percorrem toda a escola e dão acesso às salas de aula. Segundo Mendes e Gonçalves (2000), a preocupação com a questão dos espaços que abrigariam as escolas públicas começou a ser discutida no Brasil a partir dos anos 1820.

A maioria dos alunos entrevistados alegam que se sentem aprisionados, que não sentem a escola como um ambiente acolhedor. Ao ser perguntada sobre como se sente ao entrar na escola a Aluna 5 diz: *“Depende do dia. As vezes eu me sinto mais ou menos, porque querendo ou não, não é um ambiente tão assim, acolhedor. Me sinto meio aprisionada também.”* E quando pergunto o que ela trocaria na estrutura da escola ela prontamente responde: *“Bom, eu aumentaria mais o muro, trocaria as janelas, colocaria ventiladores, lâmpadas, por que algumas salas não tem. E algumas grades aqui eu acho que não precisa ter. A gente fica mais preso, se sente mais preso.”*

A falsa ideia de segurança faz os alunos acreditarem que todos os elementos que constituem a escola são necessários para garantir o bem-estar deles naquele ambiente, assim, muitas vezes eles naturalizam aquela estrutura em suas falas, alegando que todo modelo arquitetônico é daquele jeito simplesmente porque *“tem que ser assim, porque sempre foi assim”*. A maioria deles já não conseguem mais perceber o quanto a estrutura afeta todo o seu desenvolvimento e o quanto tem agido de maneira pontual na constituição de suas consciências. A Aluna 12, ao ser perguntada se sente-se vigiada pelas câmeras, respondeu: *“Não, às vezes eu até esqueço que tem câmera.”* Ao contrário da Aluna 12, o Aluno 1, ao ser perguntado se tinha sensação de que era vigiado, respondeu: *“Sim, câmeras, câmeras e câmeras. Em todos os lugares. Só em algumas salas que não.”*

Foucault (1975) em seu livro *Vigiar e Punir*, ao explicar o dispositivo panóptico,

elucida como o mesmo consegue atuar de maneira sutil, sem força física, permitindo desta forma o aperfeiçoamento do exercício do poder sobre os sujeitos:

O panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes de poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça. (FOUCAULT, 1997, p. 194)

Por muitas vezes os alunos comparam a estrutura física da escola com a estrutura de presídios, e de fato possuem muitas semelhanças. Além do autoritarismo e o sistema hierárquico aos quais a escola está submetida, as salas de aula de 7x7m, os corredores estreitos, as grades e quantidades excessivas de câmeras fazem com que os indivíduos que ali transitam diariamente se sintam presos. Quando perguntado sobre o que a escola parecia, o Aluno 11 respondeu: “*Sei lá, um presídio ou algo do tipo. Porque é tudo fechado, tudo trancado e tal*”. Em seguida, quando questionado para que servem todos os elementos que tornam a escola um ambiente fechado, ele diz: “[...] *eu acho que é tornar nós alunos disciplinados.*”

Só uma educação crítica e libertadora será capaz de atuar de maneira que esses indivíduos compreendam que, sim, todos eles estão submetidos à disciplinarização de seus corpos através dos elementos que constituem a escola, afinal, esses componentes atuam sutilmente dentro de suas consciências. Somente a potência transformadora de uma educação que tenha a formação humana, com toda sua complexidade, no centro do debate será capaz de construir indivíduos genuinamente livres para pensar e agir de maneira autônoma e coletiva.

2. A relação aluno-professor e o princípio da igualdade

O intelectual precisa saber que a sua capacidade crítica não é superior nem inferior à sensibilidade popular. (FREIRE; FAUNDEZ, 2017 [1985], p.58)

Em seu último livro publicado, Paulo Freire (1996) afirma que ninguém é superior a

ninguém, e ressalta a importância de educadores e educadoras se colocarem em pé de igualdade e saberem escutar os educandos e educandas. Uma das maiores queixas dos estudantes entrevistados foi a relação difícil que eles possuem com os professores. É nítido em suas falas que a aprendizagem é sempre mais agradável quando há um grau de identificação com o professor da disciplina, e conseqüentemente mais difícil quando não há essa identificação. No século XIX, Joseph Jacotot afirmou que a igualdade intelectual dos seres humanos é o princípio de uma educação emancipadora do povo. Com isso podemos observar que a educação proposta dentro das escolas brasileiras não tem sido emancipatória, visto que há uma estrutura hierárquica entre professores e alunos.

Os estudantes se sentem intensamente reprimidos na sala de aula pelos próprios professores, além da estrutura arquitetônica ultrapassada e dominadora. Eles não se sentem confortáveis para fazer perguntas e nem apontar observações. Uma aluna do 3º ano descreve bem como se sente ao ser perguntada se há algum espaço da escola que faz com que se sinta reprimida:

Dentro da própria sala de aula, porque muitas vezes você não pode falar uma coisa porque alguns professores, por exemplo, você fala alguma coisa com eles e eles tem a mente do passado, pensam que o aluno tá ali tem que sentar escutar e não pode falar nada, não pode tirar uma dúvida ou falar uma sugestão porque muitas vezes você é reprimida e em algumas situações o professor menospreza o aluno dentro da própria sala de aula e o aluno não pode falar nada por que o aluno vai estar errado se for falar com alguém, sempre o aluno vai estar errado, nunca o aluno vai ter razão. Sempre quem vai ter razão é o professor, então dentro da própria sala de aula eu sou mais reprimida.

O autoritarismo e o desprezo dos professores diante dos alunos impossibilita que todas as potencialidades daqueles indivíduos sejam exploradas, fazendo com que eles não se sintam confortáveis para construir o conhecimento de maneira dialética com o professor. Esse modelo tradicional de fazer a educação a partir da

perspectiva do professor já se mostrou ineficiente, vem adoecendo esses estudantes e tem tirado a voz de cada um deles. Como sujeitos construídos historicamente, os indivíduos não são folhas em branco e todos os seres humanos são capazes de aprender e ensinar, como afirma Paulo Freire (1996) em *Pedagogia da Autonomia*.

Eles reivindicaram por várias vezes em suas falas a igualdade de tratamento, pois alegaram que muitas vezes os professores têm preferência por determinado aluno, privilegiando-o em detrimento de outro. Os estudantes também sentem muito com a ausência de diálogo com os professores. Para o Aluno 11, uma das coisas que o deixa triste no ambiente escolar é: *“Acho que a falta de tipo assim, comunicação entre professores e alunos, por que muitos professores eles costumam falar dos alunos em certos momentos e não falam com os alunos”*. Para Walter Kohan (2019):

Uma escola não é verdadeiramente pública quando coloca exigências que desigualam os iguais, quando expulsa em lugar de acolher, ou quando uma parte de seus estudantes pode mais que outra em termos de relações pedagógicas que dentro dela se estabelecem por algum critério imperante na sociedade na qual a escola se insere e que acaba reproduzindo. (KOHAN, p 89, 2019)

Kohan (2019) afirma que “se quem ensina e quem aprende não se posicionam como iguais enquanto participantes da relação de ensino e aprendizagem, a força política de sua prática educacional se vê significativamente afetada”. É fundamental para o acontecimento do processo educativo que os indivíduos possibilitem uma afirmação efetiva de igualdade.

3. Considerações finais

Os problemas expostos pelos alunos também aqui investigados estão no cotidiano das escolas públicas brasileiras, não em todas, mas provavelmente na grande maioria delas. Como dito anteriormente, são problemas seculares, que estão na estrutura do sistema educacional brasileiro, mas que precisam ser discutidos com

efetiva responsabilidade o quanto antes. O modelo educacional apresentado aqui, além de não cumprir com o papel principal da educação - libertar - têm adoecido e desmotivado centenas de estudantes diariamente.

É preciso pautar uma escola que seja confortável e aconchegante, que exista igualdade entre todos os indivíduos que frequentam aquele território, para que, assim, o processo educativo se dê de forma horizontal, onde todos possam ouvir e serem ouvidos. É preciso pautar uma escola que não parta do princípio de que os alunos são inferiores. E se o educador transmite uma hierarquia que é incompatível com uma educação libertadora, não há educação politicamente consistente. Se assim for, os estudantes aprendem com ele a se sentirem inferiores, quando é exatamente desse sentimento de inferioridade que precisam se libertar. Kohan (2019) afirma que:

A relação pedagógica pode se dar num marco institucional ou fora dele, num plano informal, mas a suspensão das desigualdades é exigência de uma política apropriada para a educação, seja qual for o marco que ela acontece. (KOHAN, p 88, 2019)

A conhecida frase de Darcy Ribeiro, quando diz que “a crise na educação do Brasil não é uma crise, é projeto”, elucida a urgência da construção de um novo projeto de educação, que reflita o impacto de todas as desigualdades impostas na sociedade brasileira e que se comprometa em erradicá-las.

4. Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011 [1996].

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1985].

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

MENDES, L. de F. F.; GONÇALVES, D. V. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil**. (2000). Disponível em: . Acesso em: 12 jun. 2016.

